

# A salutogênese na simbologia do Pai Nosso

Wesley Aragão de Moraes

Médico antropológico e antropólogo, PhD.

Endereço para correspondência: wama933@oi.com.br

*Abwun d'bwashmaya  
Nethqadash shmakh  
Teytey malkuthakh  
Nehwey tzevyanach aykanna d'bwashmaya aph b'arha.*

*Hawvlan lachma d'sunqanan yaomana  
Washboqlan khaubayan (wakhtahayan)  
aykana daph khnan shbwoqan l'khayabayn*

*Wela tahlan l'nesyuna  
Ela patzan min bisha  
Metol dilakhie malkutha wahayla wateshbukhta  
l'ahlam almin.  
Amen<sup>1</sup>.*

**Resumo:** O autor tece considerações que aproximam o conteúdo do Pai Nosso, em sua interpretação *steineriana*, às noções básicas da salutogênese, conforme proposta pelo médico e sociólogo Antonovsky.

**Palavras-Chave:** Pai Nosso, salutogênese, oração, meditação, sanidade.

## Introdução

O filósofo iraniano islâmico Seyyed Nasr (1977), tecendo sua crítica ao mundo ocidental, escreveu que um dos problemas do homem moderno ocidental é que este é tão apegado aos valores e ritmos do cotidiano urbano materialista que perdeu a sensibilidade para, em algum momento do dia, como fazem outros povos (islâmicos, budistas, hindus, povos tribais), parar suas atividades e rezar. Ele não tem tempo para isto, ou seja, seu tempo é totalmente secularizado, destituído de algo sagrado. Sua alma é, cotidianamente, mergulhada em questões tais como o trabalho e os negócios, as reuniões, o carro e o combustível, o trânsito, a segurança pessoal, a política, o esporte, o sexo, a moda, as fofocas, a família, a programação para o final de semana etc.

Esta condição secularizada do homem ocidental moderno produz nele um vazio existencial que ele busca preencher de outros elementos, tais como vícios, passatempos, esportes, televisão etc. Este vazio era ocupado, ou pode ser ocupado, em outros casos, em outros tempos ou em outras culturas, pela religião. Esta, por outro lado, geralmente perde-se em dogmas e posturas morais repressivas, em ritualismos arcaicos, em formalismos que não alimentam as almas dos próprios fiéis e, quando muito, serve para reforçar alguma identidade étnica numa época em que as identidades são, ou deveriam ser, relativas e multifacetadas. As religiões, como muitos teólogos têm observado, mais separam os homens do que os unem ao deixarem o contexto do espírito e, tornando-se então fator identitário étnico, imiscuem-se em conflitos culturais, políticos e econômicos complicados.

<sup>1</sup>Texto aramaico original, fonte: [www.caminhodeluz.org](http://www.caminhodeluz.org)

No Brasil, por exemplo, tornou-se histórica a guerra entre católicos e protestantes, até o início do século vinte, sendo esta guerra atualmente substituída pelo conflito entre evangélicos e espíritas-umbandistas: a demonização do outro é o que sustenta todo tipo de guerra santa idiota. Atualmente, temos uma guerra político-religiosa entre Estados Unidos com seus radicais evangélicos e o mundo islâmico com seus radicais correspondentes. Outra guerra ocorre entre radicais judeus e radicais muçulmanos. Na Sérvia e na Bósnia, cristãos massacraram muçulmanos e vice-versa por diferenças étnico-religiosas. Enfim, a religião não cumpre a sua função de religar o homem, e a estupidez fratricida das cruzadas ainda não terminou... Penso na grande sabedoria de Steiner, cuja postura poderia ser resumida na ideia: "O homem realmente moderno não necessita de religião, mas de veneração". E a veneração é algo que interessa de perto à questão da sanidade humana.

## Salutogênese e senso de sagrado

Salutogênese é o ponto de vista que focaliza todos aqueles fatores que são fundamentais para a sanidade integral do ser humano. E um destes fatores é a veneração, como verificou o próprio Aaron Antonovsky (Moraes, 2006), o criador do termo. Sendo assim, o homem moderno ocidental (não vou aqui analisar a situação não necessariamente melhor em outras culturas) sofre de um vazio interior e de uma falta de conexão com algo maior, sofre de uma perda de sentido de sagrado – o que lhe causa um enorme prejuízo de natureza espiritual e repercute em sua sanidade diante da existência. Diversos estudos têm apontado para a espiritualidade do indivíduo como um fator salutogenético – por exemplo, os estudos de Harold Koenig (1998) sobre imunidade e religiosidade. O indivíduo agnóstico (ou seja, sem qualquer postura espiritual) está em desvantagem até mesmo do ponto de vista imunológico, pois as diversas modalidades de experiências religiosas têm relação importante com a produção de serotonina, o humor, a alegria existencial e as defesas psico-neuro-imunológicas, como demonstra Koenig.

Pode parecer contraditório tudo isto, pois as coisas não acontecem como viu Nietzsche na sua afirmação de que "Deus está morto". As religiões estão vivas, e crescendo a todo vapor, no mundo todo. Então, como ainda há um vazio? A religião externa (ou qualquer forma de culto ou atividade social afim) 'pró-forma', convencional, moralista-repressiva, coercitiva, não preenche esse vazio de

alma suficientemente. De modo independente dessa prática religiosa formal, o indivíduo só tem seus anseios anímicos atendidos se consegue estabelecer uma verdadeira relação afetiva e espiritual com o sagrado. A palavra 'verdadeira' aqui necessita ser entendida em toda a sua acepção. *Verdade* em termos de experiência, de vivência, e o contrário daquilo que o filósofo e poeta francês Jean Baudrillard (1996) denomina por *simulacro* – ou seja, mais uma das diversas performances sociais a que os indivíduos ditos normais estabelecem como comportamento que a sua sociedade propõe e às vezes exige. Na experiência do psicoterapeuta Viktor Frankl (Xausa, 1986), os judeus como ele mesmo, assim perseguidos no regime nazista, sobreviviam aos maus tratos dos campos de concentração apenas quando abraçavam uma força interior que lhes permitisse comungar com uma voz sagrada íntima que lhes daria, assim, forças para suportar, ou seja, resiliência. Não necessariamente sobreviviam os mais assumidamente sectários, mas sim os que viviam intensa e verdadeiramente a experiência da comunhão com algo superior.

Em termos pedagógicos antroposóficos, a veneração é um dos mais importantes entre os fatores capazes de sustentar e de preservar a vitalidade do ser humano, a partir da infância, mas também adiante. A vitalidade do ser humano (ou seja, aquilo que as diversas tradições esotéricas, desde os neoplatônicos, denominam por 'corpo etérico') tem uma relação importante com o estado de alma aberto ao sagrado. Isto significa dizer, por outro lado, que a falta de veneração resseca, fragiliza, deixa desprotegido o indivíduo. Acontece que, em termos antroposóficos, a vitalidade, ou, tradicionalmente, o *corpo etérico*, também é responsável pela estrutura inconsciente do ser humano, por hábitos e padrões de pensamento e de comportamento. A força desta estrutura precisa de nutrição, por assim dizer. E, ela se nutre de vivências, de experiências, tais como a da beleza, a da veneração, a da bondade, do calor humano etc. Um ser humano destituído deste tipo de experiência sente-se desamparado, abandonado, empobrecido, e deste sentimento resulta um enfraquecimento de sua 'estrutura etérica', e conseqüentemente uma queda de suas defesas orgânicas e anímicas. Convenções sociais ou performances sem conteúdo verdadeiro suficiente não nutrem a estrutura vital do indivíduo, apenas a verdade. Esta verdade não constitui uma mera emoção religiosa, tampouco, mas é muito mais do que isto. Não pode ser obtida em livros, sejam santos ou não, mas apenas no relicário interior da alma em conexão com a vida em si.

## Oração e meditação como exercício salutogenético

Na cristandade, desenvolveu-se ao longo dos séculos, a prática da oração, que, como bem observa Rudolf Steiner (1981), “primitivamente era uma forma de meditação”. De fato, entre os gregos havia a prática denominada *meletan*, sinônimo do que se conhece por meditação. Quando o cristianismo, originalmente proveniente da cultura semita-hebraica, penetrou na cultura helenística o *meletan* grego foi adotado pelos primeiros cristãos helenizados, fundindo-se com a prece cristã numa espécie de atitude mista entre falar com o espírito e deixar-se permear por ele: surgiu a oração cristã. Aos poucos, esta oração foi se tornando apenas o falar, o confabular com o espírito e perdeu, no âmbito das ordens católicas (nem todas) e do protestantismo, o caráter meditativo original.

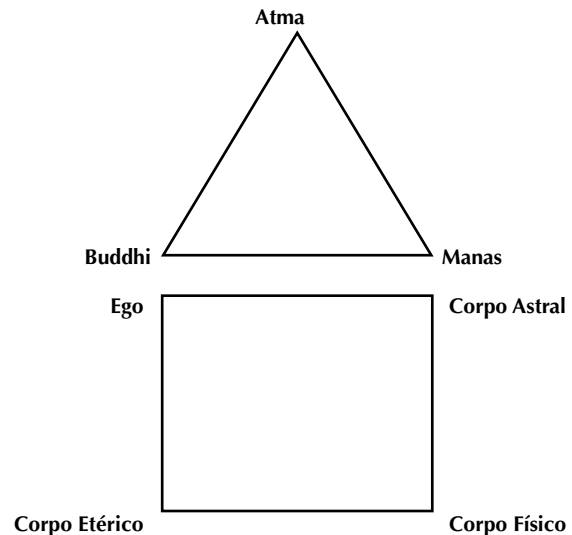
Meditação é uma prática espiritual de natureza mais mental, enquanto a oração tem uma característica mais sentimental. Há formas de convergência entre ambas. Oração e meditação são, todavia, formas básicas, atos, posturas, através dos quais o indivíduo se conecta com algo maior, com o espírito, com o sagrado. Para praticá-las, o indivíduo necessita ter, previamente, uma disposição interna mais calma, mais serena, uma sensibilidade cultivada, um estado de alma receptivo, calma interior. Se o indivíduo não tem esta disposição, ele deverá exercitá-la através de um processo que é básico em termos de salutogênese: a *metanoia*, ou seja, a mudança de atitude como prática constante. Oração, como meditação, não é uma lista de pedidos e de súplicas a Deus, como muito bem observa Steiner (1981), mas uma entrega, uma sintonia pura e simples. Há, inclusive, formas de oração-meditação silenciosas, em atitude ativa, em que o indivíduo está andando, contemplando os seres, interagindo etc. O importante é a atitude receptiva interior, e não a postura externa.

A oração cristã mais arquetípica, porque ensinada pelo próprio Cristo, é o Pai Nosso. É a mãe de todas as orações cristãs e, diríamos, não cristãs também, porque basicamente quer conectar a alma humana ao espírito cósmico – que é a proposta, não tão bem sucedida tantas vezes, de qualquer religião.

## A simbologia do Pai Nosso, a partir de Rudolf Steiner

Na análise de Steiner do Pai Nosso (Steiner, 1981), este se constitui de sete sentenças, três delas referentes à tríade ontológica superior do homem (na nomenclatura tradicional em sânscrito, *Atma*, *Buddhi* e *Manas*),

ou seja, em seu conjunto, o espírito; e quatro outras sentenças referentes ao quaternário material (ou seja, os corpos físico, etérico e astral, mais o ego). Steiner evoca, nesta simbologia, as duas figuras arquetípicas da sabedoria dos iniciados de Pitágoras: o triângulo, imagem do espírito, e o quadrado, imagem da consciência terrena. Então, nesta oração, ocorre um diálogo, uma interação, uma conexão, uma religação, entre o quadrado-terreno e o triângulo-celestial (Fig. 1).



**Figura 1.** Constituição do ser humano: quadrado-terreno e o triângulo-celestial.

Esta constituição setenária do homem é uma concepção antiquíssima, encontrada, por exemplo, nos textos da sabedoria da Índia, ou ainda antes, desde épocas imemoriais. *Atma-Buddhi-Manas* é a tríade que representa, respectivamente, as três esferas do espírito humano superior (*self*), ou seja, vontade, vida e configuração. Conforme a grandiosa tradição iniciática antiga, e que Steiner, magistralmente, retoma, recontextualiza e acrescenta, o ser do homem tem uma co-substancialidade com o Ser Divino porque estes três elementos do espírito são, simultaneamente, humanos e divinos. Em nossa consciência hodierna, no estado atual da humanidade, este nível do se humano é dormente, inconsciente, real, mas não desperto na existência. Todavia, mesmo assim, cada ser humano pode, teoricamente, entrar em sintonia com este aspecto elevado de seu próprio ser, que é, simultaneamente, um aspecto reduzido do ser divino. É justamente o Pai Nosso a oração que propõe esta sintonia – ideia que em grego se chama também pelo termo *pisthis*, traduzido depois para o latim, mais pobremente, como ‘fé’.

O quaternário representa os quatro elementos, assim como os quatro membros do ser humano terrestre. O ego é a autoconsciência do espírito, mas encerrada dentro de uma organização corpórea terrena. O corpo astral (termo oriundo dos filósofos neoplatônicos dos séculos I e II A.C.), ou seja, a estrutura animal-emocional do ser humano, estabelece a consciência animal de desejos, a libido, as sensações, o desejo de autopreservação. O corpo etérico, como já visto aqui, expressa a vitalidade e também a estrutura diacrônica do indivíduo. O corpo físico é um conceito óbvio. Steiner mantém a terminologia tradicional<sup>2,3</sup>.

Na estrutura setenária do Pai Nosso, conforme Steiner, estes elementos se conectam e se contextualizam nas seguintes palavras da oração:

*Atma* expressa a força volitiva sobre-humana que faz o indivíduo almejar o espírito, o céu. Aquilo que, no budismo, se chama, em língua páli, *Virya* – a força moral muito maior do iniciado que o distingue da fraqueza dos homens ditos normais. O *Buddhi* representa o ‘reino’, ou seja, a onipresença do espírito como vida manifesta em todos os seres, plantas, animais, minerais, seres humanos, no espaço, nos elementos. O reino é a percepção de que o mundo inteiro, todos os seres, vivem imersos no espírito e este está em tudo. *Manas* é o ‘nome sagrado’, a expressão do espírito nesta ou naquela forma cultural ou psicológica de evocação.

No quaternário, os elementos se conectam à oração da seguinte forma: o corpo físico é o ‘pão’, pois representa a nossa ligação com a mãe Terra que nos sustenta, e com a qual fisicamente somos consubstanciais. O corpo etérico é a estrutura psíquica que carrega as nossas ‘culpas’ ou ‘dívidas’ que, em termos quase psicanalíticos, são gravações inconscientes de nossas tendências equívocas de temperamento ou desvios e taras psíquicas que afetam, afetaram, ou afetarão, o nosso convívio familiar, social e com os semelhantes. O corpo astral guarda as nossas ‘tentações’, ou desejos libidinais simples ou complexos. O ego, ou ‘eu inferior’ guarda a nossa ‘culpa’, que seria aquela atitude de erro decorrente da nossa livre escolha como egos dotados de livre arbítrio.

Assim, o Pai Nosso conecta a estrutura frágil e plena de desvios do quaternário inferior e propõe uma cura desta estrutura através de uma comunhão com o triângulo. O Pai Nosso é um apelo salutogenético para que o doente homem inferior do quaternário seja permeado pela sanidade (termo que, originalmente, era cognato de santidade). Na acepção dos iniciados não existe a questão do pecado, conforme a religião formal prega.

No cristianismo antigo, assim como em outros mistérios, a questão não é se o homem ‘peca’, mas sim se o homem ‘sabe’ (*gnosis*) ou ‘não sabe’ (*agnosis*). Ele erra porque não sabe, e acerta se sabe. Saber aqui é poder. *Gnosis* é conhecimento, mas também poder de autogestão do indivíduo. Na sabedoria hindu, diz-se *vidya*, a visão, a luz, a sabedoria, a consciência, em contraposição à *avidya*, ignorância, treva, primitivismo. A história da humanidade, e do indivíduo, é uma constante luta entre *vidya* e *avidya*. Esta ignorância, ou *agnosis*, é também a ‘grande amnésia’ das almas que, na imagem dos gregos, passam para o lado de cá do rio Lethes (o rio do esquecimento que separa os encarnados daqueles que ainda não desceram), e assim perdem a consciência de sua natureza superior, renascendo em novo corpo, conforme os órficos e pitagóricos, e por esquecimento, tendendo a repetir os mesmos erros e as mesmas infâmias já anteriormente vividas. Desse modo, na ignorância do esquecimento, as almas voltam, voltam, voltam e repetem, repetem, até que aprendam pelo sofrimento a realizar as meta-noias significativas para seu aperfeiçoamento.

Vejamos então como ficou a oração com esta contextualização:

*Pai nosso que estais no céu* – conexão com o divino (*Atma*) dentro do ego.

*Santificado seja vosso Nome* – consciência do nome do sagrado (*Manas*).

*Venha a nós o vosso reino* – comunhão com a vida cósmica (*Buddhi*).

*Seja feita a vossa vontade* – a vontade é força do *Atma* – na Terra como no céu.

*O pão nosso de cada dia, dai-nos hoje* – comunhão

<sup>2</sup>Eu não vejo vantagem em substituir estes termos por sinônimos não tradicionais, pois se mantendo a ideia, nem por isto se tornam mais palatáveis para um linguajar mais acadêmico. Há um valor conceitual e histórico a ser preservado quando também preservamos termos tradicionais, pois eles vêm carregados de história e de significação cultural. Estes termos não pertencem somente à antroposofia, mas também à história da cultura filosófica e teológica do ocidente. Os antropólogos, arqueólogos e historiadores sabem muito bem desses valores linguísticos a serem preservados.

<sup>3</sup>N.E.: Se uma das tarefas da medicina antroposófica em nossa época é trazer o impulso espiritual à medicina, então deveríamos nos afastar das polêmicas nominalistas (meramente dos nomes) e dedicarmo-nos mais às questões idealistas (das ideias). Se conseguirmos não estimular a criação de ‘anticorpos’ ideológicos pelas outras pessoas, talvez tenhamos mais abertura para mostrar o valor da espiritualidade e fazer a ‘ponte’ pensada por Steiner entre a antroposofia e a ciência. Etérico e vital significam a mesma coisa, são nomes diferentes para a mesma ideia, apenas o primeiro termo pode reforçar diferenças e não aproximar pessoas.

corpórea com a mãe Terra. Apelo a uma atitude de ‘ecologia profunda’ em que o corpóreo se percebe com parte da existência planetária, através da alimentação, da respiração ou da simples substância em si mesma. Aqui, o pão é o arquétipo do corpo, da matéria, redimida pelo espírito. A falta desta consciência tem feito os indivíduos envenenarem o planeta e, portanto, cometerem uma espécie de autodestruição dos próprios corpos, comendo ‘pão envenenado’ por nós próprios. A destruição das espécies viventes demonstra uma insanidade espiritual que gera uma insanidade bioecológica mortal para todos nós. A sensibilização ecológica e a economia sustentável são elementos fundamentais de uma postura salutogênica. O homem não pode ser sadio se o planeta inteiro também não o for.

*Perdoai nossas dívidas, como perdoamos aos que nos devem* – quebrando o ciclo doentio implantado no inconsciente do corpo etérico, e que se enraíza como parasita na estrutura psíquica do indivíduo, alimentando-se de ódio e planos de vingança e retaliação, terminar com o mal produzido pelo homem que tem raiva ou mágoa de outro, desfazer laços cármicos de ódio que prendem vítima e algoz, perdoar. Estes laços doentios etéricos, não resolvidos, atuam no fígado (entendido como órgão também psíquico) e poderiam se estender por outra vida, mantendo presos os que se odeiam numa cadeia cármica de ódio, vida após vida, reencarnação após reencarnação, até que saibam converter esta doença em amorosidade. O aprendizado do perdão, do esquecimento das ofensas, da superação do sofrimento infligido por outrem, é a única cura possível para os laços etérico-cármicos doentios que se estabelecem dentro do indivíduo, e que o ‘vampirizam’ como um câncer anímico, às vezes até mesmo como um câncer em si. A atitude mais sã possível é o perdão. A insanidade mantém guerras e ódios através do tempo, como judeus e palestinos – quem antes torturou, agora vem como torturado, que depois retorna como novo torturador e se vinga do outro que antes o torturou, e assim se estabelece o que no budismo se denomina ‘cadeia de *samsara*’.

*Não nos deixeis cair em tentação* – significa que o espírito interno pode desenvolver uma força noética capaz de dominar os desejos infantis do corpo astral, capaz não de reprimi-los, mas sim de saber como hierarquizar-los e utilizá-los. Como já dito, a questão aqui não é o ‘pecado’, mas sim a força moral, a consciência gnósica que permite ao espírito saber, hierarquizar e dominar a si mesmo. Na sabedoria hindu, no texto do Bhagavad Gita, o deus Krishna (o espírito, o *Atma*) diz

ao ego do guerreiro Arjuna (o indivíduo tomado pelas tentações de seu próprio corpo astral): “O ego é ótimo servo do *Atma*, mas não deve nunca o *Atma* ser servo do ego” (Moraes, 1997). O problema das ‘tentações’ é que o corpo astral, o animal dentro do homem, se este é fraco, pode fazê-lo sucumbir e, assim, bestializá-lo. A bestialização do homem o torna cruel, egocêntrico, homicida, arrogante, lascivo, desumano, torturador, insensível, em relação ao semelhante, mas também hiperexcitado, compulsivo, viciado, bêbado, drogado, depressivo, irascível, doentio em relação a si mesmo. A velha questão de como o indivíduo moderno pode, sem remorsos e neuroses, lidar com a questão do prazer, da sexualidade, dos desejos, da libido em geral, sem a neurótica sensação de que está infringindo algum mandamento divino simplesmente porque se permite ao prazer tem aqui a sua solução. O prazer, a tentação, é parte da existência terrena. A questão é que o espírito deve aprender a sublimar, a poetizar, a refinar. Esta questão é fundamental em termos de salutogênese, pois a alegria, o prazer, a sexualidade, o bem comer, o hedonismo sadio – o que já era uma preocupação de filósofos gregos como Zenão e Epicuro – são elementos essenciais para a sanidade humana. O crente atormentado pelos demônios da culpa gerados pela própria repressão é tão insano, e tão capaz de atos insanos, quanto o degenerado bestial que dá vazão livre aos seus instintos mais básicos. Basta considerarmos os casos de pedofilia envolvendo clérigos presos ao celibato.

*Livrai-nos do mal* – aqui é mencionada a livre opção do ego, ou seja, do eu inferior terreno. Este se tornou livre para escolher suas metas, suas posturas, não mais regido por instintos, como nos animais. O mal é quando o ego escolhe a senda errada e produz um carma ruim para si e para os envolvidos. E assim, uma vez conectado ao espírito, ao *Atma*, o ego não mais se torna senhor, cometendo erros em prejuízo principalmente de si próprio, mas escravo do *Atma*, submisso ao seu princípio superior. E disto resulta um ser humano mais refinado, mas leve, mais elevado, mais sociável, mais fraterno, mais equilibrado, mais compassivo, mais amoroso, mais centrado, mais ‘do bem’, se não um ‘santo’, um são.

## **Pai Nosso: bem estar e bem ser**

Uma noção fundamental em termos de salutogênese é a de que o ser humano não necessita tão simplesmente o ‘estar bem’, em termos biológicos e sociais. Além disto, e muito mais até, o ser humano necessi-

ta do 'bem ser'. Isto implica em realização espiritual em termos de paz, de serenidade, de equilíbrio, de centralidade, de senso de fraternidade e compaixão, de solidariedade, capacidade de perdão, senso de beleza etc. Enfim, realizações e refinamentos do ser humano que decorrem de sua gradativa e longa aproximação com o espírito divino dentro dele mesmo, e que o torna diferente qualitativamente do homem brutal e primitivo. Esta necessidade humana tornar-se-ia completa se o indivíduo tivesse a sorte de poder viver bem, isto é, biologicamente bem, socialmente bem, ecologicamente bem, bem nutrido etc. O Pai Nosso contém referências a estes dois níveis de sanidade humana: ao mencionar o pão, quando a ideia é a do bem estar humano como realização ecoespiritual na Terra. Também quando menciona o controle sobre as tentações animais e sobre o mal como caminho errado escolhido que leva à dor, a oração redime na alma do homem fatores que têm relação com uma qualidade de vida ruim, com emoções nocivas, com raiva contida ou expressa, com uma infeliz interação consigo mesmo e com o semelhante. Ao conectar o indivíduo ao Pai, redimindo a culpa etérica e dominando as tentações astrais, elevando a capacidade de escolha do ego a um nível de consciência, sem mal, a oração propõe também o bem ser.

A ideia e a noção de 'salvação' (*salutos*), em nossa língua latina, tem parentesco etimológico com 'saúde' (*salutos*, igualmente). Este parentesco não é casual, mas decorre de uma intuição antiga de que a salvação – principalmente do mal que nós mesmos nos causamos e ao qual nos prendemos como uma fixação doentia – tem relação direta com a saúde biológica e psíquica. Os antigos já sabiam que sanidade não pode ser de outra forma senão a que une em harmonia espírito, alma e corpo. Não pode haver um corpo sadio numa alma doente, nem alma sã num corpo doente, e o espírito sempre é delimitado ou é libertado na medida em que corpo e alma assim o permitem. A sanidade do homem não é apenas orgânica, nem ape-

nas orgânico-psíquica, mas uma sanidade espiritual-psíquico-orgânica. O que os noticiários e telejornais, e o nosso convívio social comum, mostram todo o tempo é que estamos ainda muito distantes de uma humanidade realmente sadia, realmente direcionada pela sanidade. Mas, individualmente, podemos tentar, podemos fazer este esforço, para uma sanidade pessoal e do entorno. E assim, quem sabe, Pai nosso que está no céu realmente se manifeste aqui na Terra... Pelo menos até onde assim pudermos realizar, nem que seja apenas uma gotinha homeopática desta possibilidade. Isto não pode ser prescrito, receitado, como um medicamento. Cada qual deve sentir a sua hora, espontaneamente, cuja indicação deverá vir do 'médico interno' de cada um.

## Referências bibliográficas

- Baudrillard J. *A Troca Simbólica e a Morte*. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 295 p.
- Koenig H G. *Handbook of religion and mental health*. New York: Academic Press, 1998. 408 p.
- Moraes WA. *O Bhagavad Gita e Krishna; o elemento crístico na tradição hindu*. Apostila, Juiz de Fora, 1997. 40 p.
- Moraes WA. *Salutogênese e Auto-Cultivo uma Abordagem Interdisciplinar*. Rio de Janeiro: Instituto Gaia, 2006. 252 p.
- Nasr SH. *O Homem e a Natureza*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. 139 p.
- Steiner R. *O Pai Nosso*. São Paulo: Associação Pedagógica Rudolf Steiner, 1981. 29 p.
- Xausa IAM. *A Psicologia do Sentido da Vida*. Petrópolis: Vozes, 1986. 255 p.